

YENTL, O RAPAZ DA YESHIVA - PERSONA, SOMBRA E ANIMUS: ENSAIO JUNGUIANO SOBRE O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

YENTL, THE YESHIVA BOY - PERSONA, SHADOW, AND ANIMUS: A JUNGIAN
ESSAY ON THE PROCESS OF INDIVIDUATION

YENTL, EL CHICO DE LA YESHIVÁ - PERSONA, SOMBRA Y ANIMUS: ENSAYO
JUNGUIANO SOBRE EL PROCESO DE INDIVIDUACIÓN

Elvis de Azevedo Matos¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i91.5993

Recibido: 29/05/2026 | Aceptado: 23/06/2026 | Publicación en línea: 30/06/2026.

RESUMO

Este artigo propõe uma análise do conto *Yentl*, de Isaac Bashevis Singer, à luz da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, com ênfase nos conceitos de Persona, Animus, Sombra e *Self*. Busca-se compreender a trajetória da protagonista como expressão simbólica do processo de individuação. A Persona, entendida como mediação entre o indivíduo e a sociedade, aparece na figura de Anshel como estratégia de adaptação e, simultaneamente, como fonte de alienação psíquica. O Animus manifesta-se como impulso interno em direção ao conhecimento, estruturando tanto a busca intelectual de Yentl quanto suas projeções na figura de Avigdor. A Sombra emerge nas contradições da protagonista, especialmente na vivência do desejo e na ambiguidade de suas ações, bem como na dimensão coletiva da cultura patriarcal. O *Self*, como arquétipo da totalidade, orienta a trajetória de Yentl em direção à individuação, ainda que de forma incompleta e marcada por tensões com o mundo social. A análise revela que Yentl encarna um dilema arquetípico: a dificuldade de realização da totalidade psíquica em contextos que não oferecem espaço para sua expressão. A narrativa evidencia que a individuação pode implicar ruptura com a ordem social, configurando uma jornada simultaneamente libertadora e solitária. Assim, a obra permanece atual ao dramatizar a tensão entre autenticidade interior e adaptação coletiva, colocando em evidência os limites e as possibilidades do processo de individuação.

Palavras-chave: Yentl. Persona. Sombra. Animus. Psicologia Analítica.

ABSTRACT

This article proposes an analysis of the short story *Yentl*, by Isaac Bashevis Singer, in light of Carl Gustav Jung's analytical psychology, with an emphasis on the concepts of Persona, Animus, Shadow, and Self. It seeks to understand the protagonist's trajectory as a symbolic expression of the individuation process. The Persona, understood as a mediation between the individual and society, appears in the figure of Anshel as an adaptation strategy and, simultaneously, as a source of psychic alienation. The Animus manifests as an internal impulse towards knowledge, structuring both Yentl's intellectual quest and her projections onto the figure of Avigdor. The Shadow emerges in the contradictions of the protagonist, especially in the experience of desire and the ambiguity of her actions, as well as in the collective dimension of patriarchal culture. The Self, as an archetype of totality, orients Yentl's trajectory towards individuation, even though it is incomplete and marked by tensions with the social world. The analysis reveals that Yentl embodies an archetypal dilemma: the difficulty of achieving psychic totality in contexts that do not offer space for its expression. The narrative evidences that individuation can imply rupture with the social order, configuring a journey simultaneously liberating and solitary. Thus, the work remains relevant by dramatizing the tension between inner authenticity and collective adaptation, placing in evidence the limits and possibilities of the individuation process.

¹ Mestre em Educação, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: elvis@ufc.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3522-0305>

Shadow emerges in the protagonist's contradictions, especially in the experience of desire and the ambiguity of her actions, as well as in the collective dimension of patriarchal culture. The Self, as an archetype of wholeness, guides Yentl's trajectory toward individuation, though incompletely and marked by tensions with the social world. The analysis reveals that Yentl embodies an archetypal dilemma: the difficulty of achieving psychic wholeness in contexts that do not offer space for its expression. The narrative highlights that individuation can imply a rupture with the social order, configuring a journey that is simultaneously liberating and solitary. Thus, the work remains contemporary by dramatizing the tension between inner authenticity and collective adaptation, highlighting the limits and possibilities of the individuation process.

Keywords: Yentl. Persona. Shadow. Animus. Analytical Psychology.

RESUMEN

Este artículo propone un análisis del relato «Yentl», de Isaac Bashevis Singer, a la luz de la psicología analítica de Carl Gustav Jung, haciendo hincapié en los conceptos de Persona, Animus, Sombra y *Self*. Se busca comprender la trayectoria de la protagonista como expresión simbólica del proceso de individuación. La Persona, entendida como mediación entre el individuo y la sociedad, aparece en la figura de Anshel como estrategia de adaptación y, al mismo tiempo, como fuente de alienación psíquica. El Animus se manifiesta como un impulso interno hacia el conocimiento, estructurando tanto la búsqueda intelectual de Yentl como sus proyecciones en la figura de Avigdor. La Sombra surge de las contradicciones de la protagonista, especialmente en la vivencia del deseo y en la ambigüedad de sus acciones, así como en la dimensión colectiva de la cultura patriarcal. El *Self*, como arquetipo de la totalidad, orienta la trayectoria de Yentl hacia la individuación, aunque de forma incompleta y marcada por tensiones con el mundo social. El análisis revela que Yentl encarna un dilema arquetípico: la dificultad de alcanzar la totalidad psíquica en contextos que no ofrecen espacio para su expresión. La narrativa pone de manifiesto que la individuación puede implicar una ruptura con el orden social, configurando un viaje a la vez liberador y solitario. Así, la obra sigue siendo actual al dramatizar la tensión entre la autenticidad interior y la adaptación colectiva, poniendo de relieve los límites y las posibilidades del proceso de individuación.

Palabras clave: Yentl. Persona. Sombra. Animus. Psicología Analítica.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

*“Um arquétipo, tal como é o animus,
nunca coincide com uma pessoa individual,
tanto menos quanto mais individual for a pessoa.”
(Emma Jung)²*

² Em Animus e Anima - uma introdução à Psicologia Analítica sobre os arquétipos do masculino e do feminino (p. 27)

O conto “Yentl, o Rapaz da Yeshivá”, originalmente intitulado “Yentl the Yeshiva Boy”, foi escrito por Isaac Bashevis Singer, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1978 e transcende uma simples elaboração narrativa de uma breve história sobre uma jovem que se disfarça como homem para estudar os textos sagrados da Cultura Judaica.

Tal obra literária se configura como um potente campo de estudo para a psicologia analítica de Carl Gustav Jung, pois ao ser estudada a partir da teoria junguiana, a jornada de Yentl não se configura apenas como uma fuga do patriarcado que a oprime, mas se revela como uma poderosa metáfora do processo de individuação, na qual a árdua jornada em direção à totalidade do ser, compreendida como individuação, se revela através da trajetória da personagem central, Yentl.³

Este estudo busca elaborar uma leitura da trajetória da Personagem de Isaac Singer, aproximando-a de maneira esquemática, quase didática, dos arquétipos da *Persona*, do *Animus*, da Sombra e do *Self* que se manifestam e se imbricam na psique de Yentl, traduzindo a universalidade de seu conflito interno e de sua jornada nos terrenos poderosos que se liquefazem nas sendas do inconsciente.

O intuito deste esforço de pesquisa, uma iniciativa de caráter bibliográfico que recorre à análise do conteúdo como técnica de organização temática, é, sobretudo, **apresentar os conceitos junguianos a partir de uma elaboração literário-ficcional**, a qual não se configura, de fato, como uma análise definitiva da psique da personagem central, mas constituiu uma explanação de caráter objetivo de conceitos e categorias da Psicologia Analítica. Portanto, não há aqui a pretensão de esgotar as possibilidades de análise do material subjetivo contido na obra literária que nos conduz no presente esforço de estudo e reflexão.

Sinopse

A história de Isaac Singer está ambientada em uma pequena aldeia judaica na Polônia do século XIX. Nesse ambiente rigidamente patriarcal no qual o estudo da Torá e do Talmude é a mais alta virtude, mas exclusiva para os homens, vivem Yentl, uma jovem órfã de mãe, e seu pai, o Rabino Todros, que é o encarregado da educação espiritual dos jovens, naquela localidade.

Contrariando as expectativas sociais no que tange ao papel social de uma mulher judia

³ Nome feminino em iídiche (Harkavy, 1928). Sua origem vem do francês arcaico *gentille* (gentil, nobre) ou mesmo no italiano *gentile*.

daquela época, cuja vida seria dedicada exclusivamente às prendas domésticas e ao casamento, a jovem Yentl possui uma mente inquiridora que carrega uma sede insaciável pelo conhecimento sagrado. Seu pai compreendendo sua ânsia por conhecimento e desafiando secretamente as convenções da época, lhe ensina as escrituras em casa, tratando-a como se fosse um filho, chegando a declarar que Yentl tem "alma de homem".

Após a morte de seu pai, Yentl se vê sozinha no mundo diante do destino de toda mulher solteira de seu tempo, casando-se e dedicando-se à família. Mas esta possibilidade não contempla seu desejo de estudos, sendo algo para que ela não apresenta competência ou vontade. Por sentir-se sufocada em tal circunstância, a jovem vende os poucos pertences da casa, corta seu longo cabelo, veste as roupas do falecido pai e assume a identidade de um rapaz chamado Anshel.

Sob a Persona de Anshel, Yentl viaja para outra cidade e se matricula em uma famosa academia rabínica e com o decorrer do tempo, se destaca por sua inteligência e pela profundidade com que desenvolve seus estudos. Rapidamente se torna íntima e parceira acadêmica de um jovem brilhante e atormentado chamado Avigdor.

Yentl, na pele de Anshel, se apaixona perdidamente por Avigdor e esse amor precisa permanecer oculto, não apenas pelo disfarce por ela assumido, mas porque Avigdor é noivo de uma jovem chamada Hadass que, bela e recatada, representa o ideal social da mulher no Século XIX. O noivado de Avigdor com a jovem é, porém, bruscamente rompido e Yentl (Anshel) acaba se casando com Hadass. A situação, assim, se torna um triângulo amoroso insustentável pois Yentl ama Avigdor, mas está casada com Hadass, que por sua vez ama o gentil e estudioso "Anshel". Avigdor, por sua vez, acaba se casando com uma outra mulher, cuja reputação não é das mais favoráveis, de acordo com a narrativa de Isaac Singer.

O peso do segredo e a tensão do desejo entre Yentl e Avigdor tornam-se insuportáveis, mesmo porque há uma suspeita de homoerotismo que paira sobre os dois personagens. Durante uma viagem de estudos, longe da aldeia e fora do alcance da vigilância da comunidade, Yentl revela sua verdadeira identidade para Avigdor, despindo-se e mostrando seu corpo de mulher, com ele compartilhando seu segredo. A reação de Avigdor é um misto de choque, espanto e uma profunda compreensão da tragédia que viveram e ele, após hesitar, reconhece a grandeza da alma de Yentl, mas não consegue desfazer o nó social que fora criado.

Yentl compreende que não pode mais manter a farsa nem, tampouco, destruir a reputação de Hadass. Assim, decide enviar uma carta de divórcio para Hadass e retoma sua caminhada em busca do conhecimento partindo sozinha, ainda vestida como homem, para outro lugar, onde

pretende continuar seus estudos.

Avigdor retorna para casa, recebe a notícia da partida de Yentl e, compreendendo a nobreza do ato, decide se casar com Hadass para reparar a situação, divorciando-se da mulher com quem havia se casado. O conto termina com Yentl desaparecendo na estrada, uma alma exilada de seu próprio gênero e de seu próprio amor, mas fiel à sua sede de conhecimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Persona

Na Psicologia Analítica, a noção de *Persona* ocupa posição central na compreensão da dinâmica entre indivíduo e sociedade. O termo, de origem latina, remete às máscaras utilizadas no teatro antigo, designando uma instância psíquica mediadora entre o ego e o mundo externo. Segundo Carl Gustav Jung, a persona constitui um sistema de adaptação necessário à vida social, mas não se confunde com a totalidade da personalidade.

“A Persona é uma aparência, uma realidade bidimensional, como se poderia designá-la ironicamente (...) embora a consciência do ego possa identificar-se com ela de modo exclusivo, o si-mesmo inconsciente, a verdadeira individualidade, não deixa de estar sempre presente, fazendo-se sentir de forma indireta. (Jung, 2022, p. 47).

Essa definição apresentada por Jung explicita o caráter ambivalente da *Persona*: simultaneamente instrumento de adaptação e mecanismo de ocultamento. Nas palavras do referido autor, “a persona não passa de uma máscara da psique coletiva.” (Jung, 2022, p. 47). Assim, a *Persona* exerce uma função eminentemente adaptativa, permitindo ao sujeito desempenhar papéis socialmente reconhecidos.

Um dos aspectos mais críticos, no que diz respeito à *Persona*, refere-se ao risco de identificação do ego com este aspecto parcial da psique de um indivíduo. Assim, no processo de individuação, a persona deve ser relativizada, uma vez que “a meta da individuação não é outra senão a de despojar o si-mesmo dos invólucros falsos da persona, assim como do poder sugestivo das imagens primordiais.” (Jung, 2022, p. 64), sendo, portanto, necessário o confronto desta com outros aspectos da psique.

Jung, na obra “Tipos Psicológicos”, apresenta a existência de uma dualidade de

personalidades, uma externa e outra interna, nos seguintes termos:

Assim como a experiência diária nos autoriza a falar de uma personalidade externa, também nos autoriza a aceitar a existência de uma personalidade interna. (...) Denomino *persona* [grifo do autor] a atitude externa, o caráter externo; e a atitude interna denomino *anima, alma*. [grifo do autor]. (2023, p. 428).

Prosseguindo, na mesma obra, Jung esclarece: “Se, com relação ao homem, falamos de *anima* [grifo do autor], deveríamos logicamente falar de *animus* [grifo do autor] com relação à mulher.” (2023, p. 429). Dessa maneira torna-se relevante adentrarmos, mesmo que rapidamente, no conceito de *Animus*.

Animus

O conceito de *Animus*, de acordo com Jung, se refere ao arquétipo do masculino presente na psique da mulher, constituindo uma instância fundamental na dinâmica entre consciente e inconsciente, como uma complementação do feminino consciente no masculino inconsciente. Na obra *O Homem e Seus Símbolos*, Marie-Louise Von Franz apresenta o *Animus* nos seguintes termos:

A personificação masculina do inconsciente na mulher - o animus - apresenta, tal como a anima no homem, aspectos positivos e negativos. Mas o animus não costuma se manifestar sob a forma de fantasias ou inclinações eróticas; aparece mais comumente como convicção secreta, “sagrada”. (Von Franz, 2008, p. 251).

O *Animus* não deve ser compreendido, no entanto, como uma simples imagem individual, mas como uma estrutura arquetípica que se manifesta por meio de representações coletivas e simbólicas, que exerce uma função mediadora entre o ego e os conteúdos inconscientes, influenciando pensamentos, opiniões e julgamentos.

Em conformidade com Jung, “o *animus* não se apresenta apenas como uma figura única, mas frequentemente como uma pluralidade de opiniões e convicções.” (Jung, 2013, p. 210). Diferentemente da *Anima*, que tende a manifestar-se de forma mais imagética e emocional, na psique masculina, o *Animus*, próprio da psique feminina, frequentemente se expressa como discurso, julgamento ou sistema de ideias, podendo assumir um caráter normativo e até mesmo autoritário.

“O Animus, quando não é consciente, projeta-se e interfere nas relações, frequentemente

de modo crítico ou dogmático.” (Jung, 2013, p. 212). No processo de individuação de uma mulher, o reconhecimento do *Animus* é essencial para o desenvolvimento psíquico e Jung destaca que “A integração do animus conduz a mulher a uma maior autonomia espiritual e à capacidade de reflexão consciente.” (Jung, 2013, p. 202). Assim, o *Animus* não deve ser reprimido, mas integrado de forma consciente, permitindo o equilíbrio entre razão e afetividade.

Emma Jung (2020, p.21) na obra “Animus e Anima: uma introdução à Psicologia Analítica sobre os aspectos do masculino e feminino inconscientes”, apresenta uma importante consideração:

Se o problema [do animus] não é abordado, se a mulher não cumpre suficientemente a exigência de tornar-se consciente ou da atividade espiritual, então o animus torna-se autônomo e negativo, e age de maneira destrutiva sobre o próprio indivíduo bem como sobre suas relações com outras pessoas.

O Animus, portanto, como força masculina do *logos*, se devidamente abordado, proporciona um aumento da autonomia psíquica da mulher e suas relações tornam-se mais reais e menos carregadas de julgamentos e reatividade.

Sombra

O conceito de *Sombra* designa um conjunto de conteúdos psíquicos que não são reconhecidos pela consciência, sendo frequentemente rejeitados ou reprimidos por incompatibilidade com a atitude consciente e com a *Persona*. Encontramos uma apresentação do conceito da *Sombra* em sua obra “Aion”, Jung afirma que

A sombra constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem despendar energias morais. Mas nesta tomada de consciência da sombra trata-se de reconhecer os aspectos obscuros da personalidade, tais como existem na realidade (2015, p.21).

A *Sombra*, como um “duplo invertido”, constitui, portanto, uma instância fundamental da estrutura psíquica, integrando aspectos inferiores, primitivos ou moralmente problemáticos e também potenciais criativos não desenvolvidos. Essa definição evidencia o caráter ambivalente da *Sombra* que, embora frequentemente associada a conteúdos negativos, não se limita a eles,

incluindo igualmente aspectos vitais que não encontraram lugar na consciência.

Para Jung (2023, p. 62-63), “a Sombra é um arquétipo e ela age tomando-nos, apoderando-se de nós. Ninguém é tão burro assim a ponto de cometer de propósito um evidente pecado, pois as desvantagens são tão grandes de modo que nós mesmos o evitamos.”. Assim, a formação da *Sombra* está diretamente relacionada ao processo de socialização e à constituição da *Persona*, pois aquilo que não se ajusta às normas sociais ou à autoimagem consciente tende a ser excluído, formando o núcleo sombrio da psique.

Um dos principais modos de manifestação da sombra ocorre por meio da projeção de conteúdos inconscientes que são atribuídos a outras pessoas, gerando julgamentos intensos e reações emocionais desproporcionais. Jung (2024, p. 29) destaca: “Quem caminha em direção a si mesmo corre o risco do encontro consigo mesmo (...) pois o encontro consigo mesmo pertence às coisas desagradáveis que evitamos, enquanto pudermos projetar o negativo à nossa volta.”.

No processo de individuação, o confronto com a *Sombra* constitui uma etapa indispensável. Trata-se de um movimento ético e psicológico de reconhecimento dos próprios limites e contradições de maneira que “O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra” (Jung, 2024, p. 30). A integração da *Sombra* não implica sua eliminação, mas sua assimilação consciente, possibilitando uma ampliação da personalidade e maior autenticidade existencial.

A *Sombra* deve ser compreendida como um componente estrutural da psique, cuja integração é condição necessária para o desenvolvimento psicológico e para o avanço no processo de individuação.

Self e Individuação

O conceito de *Self* (Si-mesmo) ocupa posição central como princípio organizador da totalidade psíquica e, diferentemente do *Ego*, que corresponde ao centro da consciência, abrange tanto os conteúdos conscientes quanto inconscientes, constituindo a totalidade da personalidade e por isso, de acordo com Marie-Louise Von Franz, o *Ego* “é simbolizado, com muita frequência, na forma de uma pedra, preciosa ou de outro tipo qualquer.”. (2008, p. 278).

Jung, por seu turno, define o *Self* como um arquétipo da ordem, da unidade e da totalidade psíquica. Em suas palavras, “O si-mesmo, em sua totalidade, situa-se além dos limites pessoais e quando se manifesta, se é que isto ocorre, é somente sob a forma de um mitologema religioso; os

seus símbolos oscilam entre o máximo e o mínimo.” (Jung, 2015, p. 51). Com essa definição, Jung evidencia que o *Self* transcende ao ego, funcionando como instância reguladora e orientadora do desenvolvimento psíquico.

Por representar o potencial de inteireza que orienta o indivíduo ao longo do processo de individuação, no qual o fluxo progressivo da energia psíquica confere autonomia ao sujeito (Jung, 2023), o *Self* manifesta-se simbolicamente por meio de imagens de totalidade, como círculos, mandalas e figuras centrais e, para Jung (2013, p. 289), “a meta de uma psicoterapia que não se contenta apenas com a cura dos sintomas é a de conduzir a personalidade em direção à totalidade.”. Tais constituições imagéticas indicam a tendência da psique à integração e à organização interna, expressando o movimento em direção à unidade do si-mesmo.

No processo de individuação, o *Self* atua como princípio teleológico, orientando o indivíduo para a realização de sua singularidade. “o *self* [grifo da autora] pode ser definido como um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente, e que só pode ser apreendido através da investigação do inconsciente de cada um.” (Von Franz, 2008, p. 213). Nesse contexto, o *Self* não é algo a ser criado, mas realizado progressivamente à medida que o sujeito integra conteúdos inconscientes.

A relação entre *Ego* e *Self* é marcada por uma tensão dinâmica. Quando o *Ego*, instância parcial da psique, se identifica excessivamente consigo mesmo e se inflaciona, a orientação do *Self* é desperdiçada. Por outro lado, quando há uma relação adequada, o *Ego* se torna um integrante da totalidade psíquica. Assim, o *Self* representa o princípio de integração e de sentido na psique, sendo fundamental para a compreensão do desenvolvimento psicológico. A realização do *Self* implica um movimento ético e existencial de ampliação da consciência, no qual o indivíduo reconhece e integra os diversos aspectos de sua personalidade, aproximando-se de uma forma mais autêntica de ser.

O processo de individuação que, como mencionamos, estrutura a autonomia na existência de um sujeito, constitui o eixo organizador da dinâmica psíquica, articulando os diversos aspectos da psique em um movimento de desenvolvimento da totalidade da personalidade. A individuação, desta forma, pode ser compreendida como o processo pelo qual o indivíduo se torna aquilo que potencialmente é, diferenciando-se das identificações coletivas e integrando conteúdos

inconscientes.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a elaboração deste trabalho recorreremos à proposta de Laurence Bardin (2011), de modo a aplicarmos a técnica de análise do conteúdo elaborando categorias de organização para o estudo a partir de conceitos da Psicologia Analítica, levantados a partir de revisão bibliográfica. Desta maneira, buscamos identificar, no decurso do conto de Isaac Singer, elementos que traduzem conceitos próprios da Psicologia Analítica, o que de início confere a esta pesquisa um caráter de investigação de cunho bibliográfico que, de acordo com Gil (2009) é aquela que se constitui a partir de fontes já publicadas. Nossa principal fonte, conforme é possível verificar a partir do referencial teórico apresentado, é a obra de Carl Gustav Jung.

Quanto à técnica de análise de conteúdo é importante observar que esta, neste estudo, surge como um recurso para organização e apresentação dos dados, de tal maneira que, através da referida técnica, buscamos estabelecer nexos tangíveis entre a teoria que alicerça nossa reflexão e a narrativa ficcional que é o foco de nosso estudo, de modo a conferir clareza aos conceitos junguianos abordados.

Bardin (2011, p. 50) indica que “a análise de conteúdo, por seu lado, visa o conhecimento de variáveis psicológicas, sociológicas, históricas etc, por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares.” Tendo em vista o caráter breve da narrativa, o conto de Isaac Singer, os indicadores emergem da totalidade dinâmica da trama, com ênfase na dinâmica psíquica de seu personagem central e são cotejadas com os alicerces teóricos da Psicologia Analítica.

Salientamos, por oportuno, que compreendemos que há uma dimensão de caráter subjetivo em nossa própria atitude de pesquisa e, desta maneira, este estudo se vincula às iniciativas de caráter qualitativo, nas quais a ótica de quem empreende o estudo não se desvincula do tratamento dos dados, pois, conforme apontam Lüdke e André, a pesquisa qualitativa:

[...] traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesse e princípios que orientam o pesquisador. [...] assim, a visão do mundo, os pontos de partida, os fundamentos para a compreensão e explicação desse mundo influenciarão a maneira como ele propõe suas pesquisas ou, em outras palavras, os pressupostos que orientam seu pensamento vão também nortear sua abordagem de pesquisa. (2020, p. 03)

Desta forma, buscamos verificar na elaboração da estrutura psíquica da personagem

central de Isaac Singer, os conceitos da teoria de Carl Gustav Jung a partir dos quais elaboramos nossa reflexão sobre a dinâmica psíquica de Yentl e os organizamos como categorias no momento de revê-las de modo a estabelecer um elo de ligação com a teoria apresentada. Tais conceitos que buscam contemplar as dimensões da *Persona*, do *Animus*, da Sombra e do *Self*, apontam para um percurso de desenvolvimento que, no conto, é apresentado de maneira inconclusa.

Em nossa empreitada, conforme já apontamos, há o risco de termos a presença de “arbitrariedades subjetivas” e neste sentido, aludimos mais uma vez a Gil (2009), pois o referido autor reconhece a implicação dos pesquisadores no processo de investigação e na consequente organização das percepções emergentes dos dados levantados como algo legítimo e próprio do campo da pesquisa qualitativa.

Desta forma, há um alinhamento com a já mencionada perspectiva de Lüdke e André (2020) que postulam a compreensão de que a pesquisa, como atividade humana e social, é influenciada pelos valores, preferências e princípios dos pesquisadores, não havendo uma separação neutra entre tais agentes, a pesquisa e os seus resultados.

como nos diz Jung “nossa famosa realidade científica não oferece qualquer proteção contra a assim chamada irrealidade do inconsciente”. (2022 p.108), neste sentido, asseverações de caráter racionalista, com base no princípio de causa e efeito e de exclusão das dualidades opostas, as quais compreendemos como princípios de complementaridade, não se coadunam com o presente estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Máscara de Anshel e o Conflito Social

Conforme anteriormente colocado, a *Persona* constitui um complexo funcional que opera como mediação entre o ego e as exigências do mundo externo. Trata-se de um sistema adaptativo que permite ao indivíduo ocupar um lugar social reconhecível. Contudo, essa adaptação implica sempre em risco, pois quanto mais o ego se identifica com a *Persona*, mais se distancia da totalidade psíquica, isto é, do *Self*.

No conto Yentl, de Isaac Bashevis Singer, a problemática da *Persona* não aparece como elemento secundário, mas como eixo estruturante do drama psíquico da protagonista. Inicialmente, Yentl encontra-se aprisionada em uma *Persona* feminina rigidamente definida pelo

contexto cultural do leste europeu do século XIX. Essa *Persona* não emerge de um processo espontâneo individual, mas de uma imposição normativa coletiva, pois “a persona é a atitude externa, o caráter externo;”. (Jung, 2023, p.428).

A inadequação de Yentl às atividades femininas pode ser compreendida como um conflito entre a adaptação social e uma orientação interna mais autêntica. Essa tensão gera sofrimento psíquico, uma vez que a partir dela se desencadeia um conflito interior que acabará por definir todo o rumo da narrativa de Isaac Singer. A morte do pai, portanto, atua como evento crítico, desencadeando uma reorganização psíquica da personagem central.

Yentl abandona sua *Persona* original e constrói Anshel, como uma nova *Persona* que funciona como dispositivo de adaptação mais coerente com suas disposições internas. Todo esse processo acaba por desencadear uma inflação identificatória e Yentl passa a sustentar integralmente a máscara, comprometendo sua verdade afetiva e seu casamento com Hadass evidencia essa contradição. Nesse sentido, a nova *Persona* (Anshel) deixa de ser instrumento de mediação e torna-se estrutura alienante.

A Voz Interior Masculina e a Busca pelo Conhecimento

O *Animus* designa a personificação do princípio masculino no inconsciente da mulher. Jung descreve o *Animus* como uma instância psíquica autônoma, frequentemente associada a opiniões firmes e convicções coletivas e diferentemente da *Persona*, que opera na interface com o mundo social, o *Animus* pertence à dinâmica interna da psique e desempenha papel decisivo no processo de individuação.

A narrativa da história de Yentl, Isaac Bashevis Singer constrói este personagem como uma figura cuja relação com o conhecimento ultrapassa o interesse intelectual e adquire caráter de necessidade psíquica. A afirmação de seu pai, de que ela possui “alma de homem”, pode ser reinterpretada como reconhecimento da forte constelação do *Animus*.

Observamos que o *Animus* pode se manifestar como um senso interior que orienta e impulsiona a consciência e em Yentl, essa voz interna se expressa como impulso irreprímível em direção ao estudo da Torá e do Talmude. Ao encontrar Avigdor, seu companheiro de estudos, Yentl estabelece uma relação que pode ser interpretada como projeção do *Animus*. Considerando que o *Animus* tende a ser projetado em figuras masculinas que encarnam qualidades valorizadas pela mulher, Avigdor, na dinâmica do conto, representa uma imagem de seu próprio potencial

psíquico.

Jung nos adverte que, enquanto o *Animus* permanece projetado, a mulher permanece alienada de parte essencial de sua psique e a intensidade desse vínculo revela a não integração do conteúdo interno. A revelação da identidade de Yentl a Avigdor pode ser compreendida, assim, como ruptura da projeção, uma vez que a integração do *Animus* exige que ele deixe de ser experimentado como “outro” e passe a ser reconhecido como parte da própria psique do sujeito.

Os Aspectos Ocultos e as Contradições da Alma

Na psicologia analítica de Carl Gustav Jung, a *Sombra* designa o conjunto de conteúdos psíquicos rejeitados pela consciência, isto é, tudo aquilo que o *Ego* não reconhece como parte de si. Longe de se restringir a aspectos moralmente negativos, a *Sombra* inclui também potenciais não desenvolvidos e possibilidades excluídas em favor da adaptação social. Assim, *Sombra* não é apenas aquilo que deve ser superado, mas aquilo que precisa ser reconhecido e integrado. Sua negação tende a produzir projeções e conflitos, enquanto sua integração constitui etapa fundamental do processo de individuação.

A experiência de Yentl como Anshel a coloca em uma posição paradoxal, pois o desejo afetivo e sexual, reprimido pela *Persona* assumida, retorna sob formas indiretas e ambíguas. O casamento com Hadass constitui o ponto mais crítico dessa dinâmica, envolvendo engano, desejo e ambivalência moral. Jung observa que a *Sombra* frequentemente se expressa em comportamentos que o ego não reconhece como próprios, levando o indivíduo a agir de modo incoerente com seus valores conscientes.

A Sombra é, no entanto, um desfiladeiro um portal estreito cuja
,dolorosa exiguidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. Mas para
sabermos quem somos, temos de nos conhecer a nós mesmos, porque o que se segue à
morte é de uma amplitude ilimitada, cheia de incertezas inauditas, aparentemente sem
dentro nem fora, sem em cima, nem embaixo, sem um aqui ou um lá, sem meu nem teu,
sem bem, nem mal. (2024, p.32)

Além da dimensão individual, o conto evidencia uma *Sombra* coletiva. A proibição do estudo religioso para mulheres pode ser interpretada como expressão de conteúdos reprimidos no âmbito cultural. Jung destaca que grupos sociais também projetam sua *Sombra*, frequentemente sobre aqueles que encarnam o diferente e a figura do pai de Yentl participa dessa ambivalência, ao mesmo tempo em que reconhece sua capacidade e a mantém no segredo, reforçando a exclusão

simbólica.

O momento da revelação de Yentl a Avigdor constitui o ápice do confronto com a *Sombra*. Ao abandonar a *Persona*, ela expõe não apenas seu corpo, mas sua verdade psíquica. Jung enfatiza que o reconhecimento da *Sombra* exige coragem, pois implica admitir conteúdos que conflitam com a autoimagem e que definem a *Persona*. A separação final representa um avanço no processo de individuação. Ao integrar sua *Sombra*, Yentl se aproxima de uma existência mais íntegra, mais autônoma, ainda que marcada por perdas.

CONCLUSÃO

A trajetória de Yentl, elaborada por Isaac Bashevis Singer, pode ser compreendida como metáfora do processo de individuação. Inicialmente, alienada em uma *Persona* inadequada, ela inicia um processo de diferenciação ao assumir a identidade de Anshel. Ao ingressar na *yeshivá*, Yentl dá início a um processo de transformação, confrontando conteúdos reprimidos e estabelecendo relações mediadas por projeções. Ainda que marcado por tensão e conflito, esse movimento tende a desencadear uma importante ampliação da consciência da personagem.

Isaac Bashevis Singer, ainda que não orientado explicitamente pela psicologia analítica, constrói em Yentl uma figura que encarna um dilema arquetípico de notável profundidade e a leitura à luz da psicologia junguiana nos permite compreender que a força do conto ultrapassa seu contexto histórico e social, alcançando dimensões profundas da psique em seus confrontos com o entorno social.

Mais do que uma crítica ao papel da mulher no judaísmo tradicional, a narrativa expõe a dificuldade de realização do *Self* em contextos simbólicos que não comportam a complexidade psíquica individual da personagem aqui estudada.

A trajetória de Yentl, conforme delineada ao longo da presente análise, pode ser compreendida como uma configuração singular de um processo de transformação, a qual é marcada por sua tensão constitutiva. Longe de representar um percurso linear ou harmonioso, o desenvolvimento psíquico da personagem evidencia o caráter dialético, ambivalente e, por vezes, paradoxal da individuação, tal como concebida na Psicologia Analítica.

Desde o início, observa-se em Yentl um movimento de ruptura com as determinações da *Persona* culturalmente prescrita, particularmente no que concerne às restrições impostas ao feminino no contexto religioso e social em que ela se encontra inserida. Ao assumir uma

identidade masculina, a personagem não apenas contorna tais limitações externas, mas inaugura um processo de deslocamento interno, no qual as fronteiras entre a *Persona*, o *Animus* e a *Sombra* tornam-se progressivamente mais complexas e instáveis.

Nesse sentido, a apropriação do masculino por Yentl não pode ser reduzida a um simples mecanismo adaptativo, mas deve ser compreendida como uma manifestação ativa do *Animus*, que, longe de permanecer inconsciente, emerge como força estruturante de sua consciência. Tal configuração indica um movimento de diferenciação psíquica, no qual a personagem se afasta das identificações coletivas e se aproxima de uma forma mais autêntica de existência, aquela por ela almejada, mesmo que à custa de conflitos significativos.

Paralelamente, o percurso de Yentl revela um confronto implícito com a *Sombra*, especialmente na medida em que sua transgressão das normas sociais a coloca em constante tensão com o olhar do outro e com os limites de sua própria autoimagem. A impossibilidade de integração plena entre seus diferentes registros identitários aponta para o caráter inacabado de seu processo de transformação.

Do ponto de vista do *Self*, pode-se afirmar que Yentl se orienta por uma exigência interna de totalidade, ainda que essa totalidade não se realize de modo estável ou definitivo. Sua trajetória sugere que a individuação não se configura como um estado de equilíbrio final, mas como um movimento contínuo de busca, no qual a verdade psíquica do sujeito se impõe, mesmo quando em desacordo com as formas socialmente instituídas.

Dessa forma, Yentl encarna uma figura paradigmática para a individuação no contexto da pós-modernidade, apresentando-se como um sujeito fluido que, ao seguir a exigência de sua própria interioridade, dando vazão progressiva à sua energia psíquica, desafia normas, desestabiliza identidades fixas e assume o risco da incompletude. Sua história evidencia que o processo de adaptação do indivíduo, longe de conduzir a uma síntese pacificada, pode implicar a sustentação de tensões não resolvidas, constituindo-se, antes, como um campo aberto de realização possível do si-mesmo, o qual faz parte do processo maior de individuação e aí, talvez, esteja a dimensão mais inquietante e duradoura da obra: Yentl não oferece ao leitor a reconciliação, mas o desconforto de uma verdade.

Ao invés de um destino resolvido, temos um movimento em aberto, uma vida que se recusa a reduzir-se a uma forma aceitável. Nesse sentido, sua jornada não se encerra e reitera uma inquietação humana que atravessa o tempo em forma de questão essencial: até que ponto é possível tornar-se um si mesmo? ou em elocução shakespeariana, “Ser, ou não ser?”.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2009.
- HARKAVY, Alexander. **Yiddish-English-Hebrew dictionary**. 2. ed. expandida. New York: Hebrew Publishing Company, 1928.
- JUNG, Carl Gustav. **Aion – estudo sobre o simbolismo do si-mesmo** / Carl Gustav Jung; Tradução de Dom Mateus Ramalho Rocha. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2024.
- JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2022.
- JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2023.
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- JUNG, Carl Gustav. **Sobre sentimentos e a sombra: sessões de perguntas de Winterthur/C.G. Jung**; tradução: Lorena Richter. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2023.
- JUNG, Emma. **Anima e animus: uma introdução à psicologia analítica sobre os arquétipos do masculino e feminino inconscientes**. Tradução: Dante Pignatari. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E., D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2020.
- SINGER, Isaac Bashevis. **Yentl, o rapaz da yeshiva**. In: Breve sexta-feira. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- VON FRANZ, Marie-Louise. **O processo de individuação**. In: JUNG, Carl Gustav (org.). O homem e seus símbolos. Tradução: Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.